



Reflexões sobre o racismo

Esther Carvalho*

Belo Horizonte, MG

[...] precisamos mostrar aos nossos jovens que ser judeu hoje... não é mais uma garantia de morte, mas sim uma garantia de vida, um apelo à sobrevivência, um desafio para continuar. É esta garantia de vida que aprendemos do Holocausto.

(Rabino Henry I. Sobel)

A coexistência entre os povos é, seguramente, o principal fundamento para a paz universal. Entretanto, um conceito, o de raça, em seus múltiplos significados, tem sido manipulado como instrumento gerador de estados de beligerância e de dominação política, social e econômica entre os homens. Muito elevado é o preço que a humanidade tem pagado pelo racismo: a política do III Reich, a discriminação racial nos Estados Unidos, a segregação racial na África do Sul e a sistemática aculturação de indígenas na atualidade, para citar apenas alguns exemplos próximos.

A discriminação racial, sob qualquer forma que se apresente, constitui ominoso fardo para a humanidade e sempre se baseou em juízos preconcebidos e estereotipados, em diferenças culturais e sociais, em ressentimentos e mágoas coletivas e até, simplesmente, por conveniência econômica ou política. O racismo tem servido também para mascarar a luta de classes em que determinados grupos poderiam ser explorados – ou exterminados – uma vez que sua inferioridade racial fosse provada por meios oficiais, como as famigeradas leis de limpeza de sangue criadas em meados do século XV na Espanha, inicialmente visando os judeus convertidos ao catolicismo, mas que se estenderam por toda a Península Ibérica, atingindo por fim e por igual, aos mouros, índios, negros, mulatos e ciganos. As investigações sobre limpeza de sangue foram parte do sistema social vigente na época e vigoraram até 1865 na Espanha, com total apoio da Igreja e do Estado. A sociedade colonial do Novo Mundo teve, portanto, suas bases fundadas sobre o extermínio do índio, a escravidão do negro e a rigorosa marginalização dos judeus convertidos ou não ao cristianismo. A cor da pele e a ascendência étnica definiam o lugar a ser ocupado pelas pessoas na hierarquia social das colônias espanholas e portuguesas.

Este recurso, com pequenas variações, foi utilizado incontáveis vezes na época moderna e teve seu ápice no século XX com o advento do nazismo. Em épocas

* Economista pela Universidade Federal de Minas Gerais.



passadas, como na atualidade, a limpeza de sangue teve um caráter arbitrário e operou sempre como instrumento a serviço do poder. A ideologia racista sobrevive nos usos e costumes dos povos e nada mais comum do que pessoas antissemitas, antiárabes, antilatinoamericanos... No fundo, é possível que o problema racial seja decorrente da incapacidade de compreensão e de aceitação dos “outros” com seus valores, tradições, ideias e, sobretudo, direitos. Está, quem sabe, na incapacidade de convivência entre os homens.

O racista é um homem que para afirmar o seu ego, procura fatores que lhe proporcionem a ilusão de superioridade em relação aos outros. Se o racista agisse individualmente perturbando a sociedade com sua paranoia, como o fazem outros desequilibrados, o problema se limitaria a aspectos médicos. Entretanto, os racistas agem em grupo, unidos pela afinidade, ou a identidade de suas características biológicas e individuais, consideradas básicas para sua suposta superioridade.

Assim, em determinado país, unem-se os brancos, melhores por serem brancos (como na África do Sul); em outro, unem-se os louros de olhos azuis, não vacilando, para demonstrar sua superioridade, em matar os morenos de olhos castanhos (como na Alemanha de Hitler). Em outro país, unem-se em grupo hegemônico os mais negros (como no Haiti); em outro, os menos pretos (como na Libéria). A insana atitude da superioridade racial, alcançada com tanta facilidade pelo acaso do nascimento, ignora limites políticos, geográficos ou antropológicos.

Assim foi, em busca da superioridade individual, havida como dádiva no ato do nascimento, que cada alemão aderiu, pouco a pouco, com certo constrangimento inicial, à ideologia nazista de Hitler. Os "sub-homens" tinham que desaparecer, não porque todos os nazistas fossem intrinsecamente maus ou sádicos, mas porque só desta maneira poderia ser comprovada irreversivelmente a superioridade de uma ideia e dos seus seguidores. Friamente, organizadamente, a superioridade materializou-se pela eliminação sistemática dos homens julgados inferiores. Seis milhões. E ninguém protestou no mundo inteiro!

É sabido que as ideias não morrem, como os homens. Elas podem renascer em qualquer instante e em qualquer lugar: na Alemanha mesmo, na Líbia, no Irã, em Uganda, no Haiti, desde que as lideranças políticas saibam encontrar a forma apropriada de condicionamento das massas e saibam selecionar as vítimas adequadas, às quais serão debitadas todas as frustrações, amarguras e descontentamento correntes. Estas ideias, como a História tem provado ao longo dos tempos, dependem do apoio dos interessados, da omissão dos inconscientes e da convivência dos alienados.

Todos os indivíduos preocupados com a preservação da dignidade humana e sua integridade têm o direito e o dever de reagir diante de injustiças ou atos de violência perpetrados contra seus semelhantes – em qualquer parte do mundo –



independentemente de sua origem ou religião. Esta, talvez, seja a forma mais singela e eficaz de conter novos surtos de racismo e suas trágicas consequências.

Enviado em: 30/09/2024

Aprovado em: 30/10/2024